



**PRIMEIRO
MINISTRO**

**DISCURSO DE
SUA EXCELÊNCIA O PRIMEIRO-MINISTRO
KAY RALA XANANA GUSMÃO**

**POR OCASIÃO DO 25.º ANIVERSÁRIO DA
CHEGADA DA INTERFET A TIMOR-LESTE**

Díli, Timor-Leste
13 de setembro de 2024

Exmo. Presidente da República, Dr. José Ramos-Horta

Exma. Sra. Penny Wensley

Exmo. Sir Peter Cosgrove

Exmo. Sr. Tamrat Samuel

Exmo. Sr. Major-General Mick Smith (na reforma)

Exmo. Professor David Kilcullen

Excelências,

Distintos participantes,

Senhoras e senhores,

É com gratidão, respeito e esperança que me junto à celebração do 25.º aniversário da mobilização da INTERFET em Timor-Leste.

Hoje celebramos e refletimos sobre o passado.

A chegada da INTERFET foi um momento na história que moldou o nosso futuro e que continua a inspirar os esforços globais de manutenção da paz.

Para os nossos jovens presentes aqui hoje, que nem sequer eram nascidos em 1999, quando estes eventos históricos ocorreram, espero que compreendam e valorizem a coragem do povo timorense e o compromisso dos nossos amigos internacionais que ajudaram a garantir a nossa independência.

A INTERFET foi recebida em Timor-Leste com lágrimas de alívio.

Décadas de resistência na nossa pátria, diplomacia persistente nas Nações Unidas e uma crise económica na Indonésia culminaram no nosso voto pela independência.

Tragicamente, o resultado do exercício do nosso direito à autodeterminação, pela independência, foi recebido com violência.

Em resposta à deterioração da situação humanitária e de segurança, as Nações Unidas enviaram uma força multinacional — a Força Internacional para Timor-Leste, conhecida como INTERFET.

O sucesso da INTERFET demonstra o que pode ser alcançado quando colocamos a paz internacional, a estabilidade e os direitos humanos acima dos interesses políticos.

O sucesso da INTERFET é um lembrete poderoso da necessidade de ação coletiva face ao sofrimento e à injustiça.

Excelências, senhoras e senhores,

A nossa nação, outrora um sonho improvável, é hoje um país democrático, independente e vibrante.

Contudo, o nosso caminho para a independência foi longo e difícil.

Fomos uma colónia de Portugal durante cinco séculos. Só em abril de 1974, quando o regime em Portugal foi derrubado num golpe pacífico conhecido como a Revolução dos Cravos, o caminho da liberdade se abriu para nós.

O novo governo iniciou um processo de descolonização, levantando a possibilidade de Timor português se tornar independente.

A 28 de novembro de 1975, declaramos a nossa independência.

Nove dias depois, fomos invadidos pela Indonésia.

Nos 24 anos seguintes, resistimos. Travámos uma luta sem descanso pela independência.

Cerca de 200 mil timorenses morreram, e muitos mais foram deslocados.

Apesar da brutalidade da ocupação e da guerra, o nosso povo mostrou uma dignidade e resiliência incríveis.

Mantivemo-nos firmes e unidos perante o terror, e fizemos sacrifícios notáveis ao enfrentarmos grandes adversidades e privações.

Ainda que as probabilidades contra nós fossem esmagadoras, o nosso povo nunca perdeu a esperança de que um dia seríamos livres.

Compreendíamos que não podíamos vencer esta batalha confiando apenas na força das armas.

O nosso exército de guerrilha era pequeno e não estava equipado com armas modernas e sofisticadas.

O nosso ocupante era um dos países mais populosos do mundo.

Era apoiado pelo ocidente com armas, munições, tanques, aviões e treino militar.

Os guerrilheiros timorenses não receberam qualquer ajuda militar externa.

Não obstante, tivemos ajuda não militar. Fomos apoiados por campanhas clandestinas e diplomáticas.

A frente clandestina manteve viva a chama da independência. Era mais do que uma simples rede de apoio.

Os membros da frente clandestina transmitiam informações vitais sobre as atividades militares indonésias e organizavam recursos para a resistência.

As mulheres desempenharam um papel crucial, atuando como mensageiras, recetoras de informações, líderes e protetoras da nossa identidade nacional.

Jovens ativistas, sobretudo estudantes, lideraram a mobilização internacional, organizando protestos e aumentando a consciencialização global sobre a nossa situação.

Juntos, expuseram as realidades da ocupação ao mundo, revelando as atrocidades que sofríamos.

Levaram a nossa campanha até à Indonésia.

Muitos indonésios enfrentaram a mesma opressão que nós.

Não eram nossos inimigos.

Tínhamos um inimigo comum, que era a ditadura militar.

Criámos fortes laços de solidariedade com o movimento pró-democracia dentro da Indonésia.

Organizámos manifestações para apoiar a nossa causa comum.

A frente clandestina foi instrumental para unir a comunidade internacional no apoio à nossa independência.

A campanha diplomática foi igualmente importante.

Foi liderada pelo nosso Presidente, Dr. José Ramos-Horta, que viajou pelo mundo e percorreu os corredores das Nações Unidas em Nova Iorque.

A campanha diplomática lembrava constantemente o mundo da luta do povo timorense.

Manteve o destino de Timor-Leste na agenda das Nações Unidas e trabalhou com redes internacionais de solidariedade para manter Timor-Leste nas notícias.

Muitas vezes, a frente clandestina e a diplomática trabalhavam juntas.

Por exemplo, em 1991, a comunidade internacional recebeu provas inegáveis do nosso sofrimento quando as imagens de vídeo do massacre de Santa Cruz, a 12 de novembro, foram transmitidas no mundo inteiro.

A nossa frente clandestina colaborou com Max Stahl para o ajudar a retirar o vídeo do país, e após a sua transmissão, a nossa frente diplomática utilizou as imagens chocantes para angariar apoio à nossa causa.

Apesar das imagens perturbadoras que emergiram e de a questão ser levantada nas Nações Unidas e noutros fóruns internacionais, passaram-se ainda mais oito anos até que a maré virasse.

Quando a Indonésia foi enfraquecida pela crise financeira asiática de 1997, ao que se seguiu a queda da ditadura do Presidente Suharto, surgiu a possibilidade de um referendo para a nossa independência.

Muitos dos presentes aqui hoje recordarão os eventos de 30 de agosto de 1999, quando, apesar do terror generalizado e da intimidação pelas milícias, quase 95% dos nossos eleitores registados compareceram para votar no referendo.

78,5% votaram a favor da independência, uma demonstração esmagadora do desejo inabalável do nosso povo pela liberdade.

Esta participação e este resultado mostraram ao mundo a coragem e determinação incomparáveis do povo timorense.

Sabíamos dos riscos envolvidos e das possíveis repercussões, mas ainda assim escolhemos exercer o nosso direito à autodeterminação.

A nossa coragem estava enraizada na crença de que, um dia, a nossa nação se ergueria livre e independente.

A 4 de setembro de 1999, quando os resultados foram anunciados, os nossos corações encheram-se de alegria.

Era, porém, uma alegria cautelosa, pois sabíamos que as milícias ainda estavam no terreno.

E, como a história registou, o que se seguiu foi uma campanha brutal e sistemática de violência que deixou o nosso país em ruínas.

O nosso povo foi deixado sozinho, agarrado à esperança de que a comunidade internacional não fecharia os olhos ao nosso drama.

A nossa fé na humanidade foi testada, mas ainda assim permanecemos resilientes.

Durante esse período, tomei uma das decisões mais difíceis da minha vida.

Apesar de saber que a violência poderia eclodir, ordenei às nossas forças armadas, as FALINTIL, que permanecessem nos seus quartelamentos.

Esta decisão, embora incrivelmente dolorosa para os nossos combatentes, foi crucial para garantir que as milícias não pudessem alegar que havia uma guerra civil no nosso país.

Precisávamos de mostrar ao mundo que eram as ações das milícias, e não as nossas, que causavam o derramamento de sangue.

Após o referendo, as milícias desencadearam uma violenta campanha de retaliação.

O nosso povo, que já tinha sofrido tanto, foi brutalmente assassinado, e viu as suas casas incendiadas.

Os nossos hospitais, escolas, pontes e sistemas de água e eletricidade foram destruídos.

O mundo ficou indignado.

Pessoas do mundo inteiro organizaram manifestações e pressionaram os seus governos a agir.

Finalmente, a comunidade internacional respondeu. A 15 de setembro de 1999, com a aprovação da Indonésia, o Conselho de Segurança das Nações Unidas adotou a Resolução 1264, pedindo o estabelecimento de uma força multinacional para restaurar a paz e a estabilidade em Timor-Leste.

O resultado foi a formação da INTERFET, uma coligação de 22 países que chegou às nossas costas a 20 de setembro de 1999 e que, no seu auge, contava com mais de 11.000 efetivos.

Foi um momento profundo. Os nossos vizinhos regionais, incluindo a Austrália, Nova Zelândia, Tailândia e Filipinas, desempenharam papéis de liderança nesta missão, que marcou um ponto de viragem na nossa luta pela liberdade.

Quero prestar uma homenagem especial à liderança do Major-General Peter Cosgrove, que liderou a INTERFET com humildade, sabedoria e um profundo compromisso para com o nosso povo.

A sua capacidade de ouvir, de trabalhar colaborativamente com os timorenses e de guiar a missão foi instrumental para o seu sucesso.

Tenho a honra de o chamar amigo, e é reconfortante vê-lo novamente aqui em Timor-Leste.

Quando a INTERFET chegou, o nosso país estava em ruínas.

70% das nossas infraestruturas tinham sido destruídas. Havia casas abandonadas e inúmeras pessoas tinham as suas vidas destroçadas.

A chegada da INTERFET foi um farol de esperança.

O alívio e a alegria que o nosso povo sentiu, quando a INTERFET chegou, foram imensuráveis.

A contribuição da INTERFET para pôr fim à violência no nosso país é lembrada com profunda gratidão por todos os timorenses.

Excelências, senhoras e senhores,

Ao celebrarmos a chegada da INTERFET a Timor-Leste há 25 anos, não devemos esquecer o papel inestimável desempenhado pela nossa própria força de libertação, as FALINTIL.

A disciplina dos nossos bravos soldados, que acataram a minha ordem de manterem as suas posições durante o rescaldo do referendo, foi extraordinária.

Lutaram pela nossa liberdade muito antes da chegada da INTERFET, e muitos deles pagaram o preço máximo na busca pela independência.

Os sacrifícios das FALINTIL e o seu compromisso inabalável para com a nossa causa dão corpo ao espírito da nossa nação.

Muitos dos nossos combatentes deram as suas vidas pela nossa liberdade, e aqueles que sobreviveram enfrentaram o desafio de reconstruir as suas vidas num país devastado pela guerra.

Muitos membros das FALINTIL que lutaram pela nossa liberdade não viveram para ver o Timor-Leste pacífico e democrático que existe hoje.

As suas histórias e os seus sacrifícios nunca devem ser esquecidos.

O nosso povo está profundamente comprometido em preservar estas memórias.

Da mesma forma, honramos e respeitamos os bravos membros da INTERFET que nos trouxeram a liberdade.

Em Oe-Cusse há uma criança chamada "INTERFET", como tributo às forças que nos ajudaram a libertar.

Temos agora um museu dedicado a homenagear os soldados e amigos internacionais que estiveram connosco na nossa hora mais sombria.

Espero que todos tenham a oportunidade de visitar o Museu dos Veteranos de Balibó, que documenta a resiliência do nosso povo e a solidariedade dos nossos amigos nesse momento crítico.

Excelências, senhoras e senhores,

Ao estarmos aqui hoje a comemorar o papel da INTERFET na nossa história, devemos ter presente que a luta pela liberdade e pela paz continua noutras partes do mundo.

Países como o Saara Ocidental continuam a ver o seu direito à autodeterminação a ser-lhes negado.

Continua a haver conflitos no Sudão, Ucrânia, Gaza, Afeganistão, e muitas outras regiões.

É nosso dever apoiar estes povos na sua luta pela paz, justiça e dignidade.

Ao refletirmos sobre o sucesso da INTERFET, devemos reconhecer que o seu legado vai muito além de Timor-Leste.

A INTERFET é um modelo para as operações de manutenção de paz no mundo inteiro.

O seu sucesso não foi por acaso — foi o resultado de um forte compromisso político, da coragem para corrigir erros passados, de uma estreita cooperação com as comunidades locais e do apoio unificado da comunidade internacional.

Em qualquer esforço de manutenção da paz, a vontade política é primordial.

A comunidade internacional deve estar preparada para agir rápida e decisivamente, como fez em Timor-Leste, para evitar mais perdas de vidas e destruição.

O sucesso da INTERFET foi possível graças ao apoio unificado da comunidade global.

Nações de todo o mundo uniram-se, deixando de lado as diferenças políticas para defender a dignidade humana e o direito internacional.

Este espírito de solidariedade é essencial para o sucesso de qualquer missão de manutenção de paz.

Igualmente importante é a disposição para ouvir e interagir com a população local.

A INTERFET, sob a liderança de Sir Peter Cosgrove, trabalhou de perto com as nossas comunidades, respeitando as suas necessidades e aspirações.

Esta colaboração garantiu que os esforços de manutenção de paz fossem eficazes e sustentáveis.

As lições da INTERFET são mais relevantes do que nunca neste mundo conturbado.

A comunidade internacional deve permanecer firme no seu compromisso com a paz, justiça e proteção dos direitos humanos.

Timor-Leste e a INTERFET são a prova de que, quando o mundo age com coragem e compaixão, a paz prevalece.

Muito obrigado.

Kay Rala Xanana Gusmão